

A Capital Gay do Brasil: política, turismo, economia e a construção de imagens acerca de Florianópolis – SC através das páginas jornalísticas (1999 – 2006) - Igor Henrique Lopes de Queiroz

A Capital Gay do Brasil: política, turismo, economia e a construção de imagens acerca de Florianópolis – SC através das páginas jornalísticas (1999 – 2006)

Igor Henrique Lopes de Queiroz¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente artigo visa demonstrar, através da análise de notícias e reportagens veiculadas através do jornal *diário catarinense*, principal meio impresso do estado de santa catarina, no período compreendido entre 1999 e 2006, as disputas e estratégias discursivas que culminaram na construção da imagem de uma cidade outrora provinciana e conservadora em uma cidade receptiva ao chamado “turismo gay”, processo permeado por relações políticas, institucionais, e interesses econômicos, especialmente turísticos.

Palavras-chave: Sexualidades; Imprensa; Turismo; Florianópolis.

Abstract: this article seeks to demonstrate, through the analysis of news and reports from the newspaper *diário catarinense*, main printed through the state of santa catarina, in the period between 1999 and 2006, disputes and discursive strategies that culminated in the construction of the image of a once provincial and conservative city into a so-called "gay touristic" city, process pervaded by political, institutional relations, and especially economic and touristic interests.

Keywords: Sexualities; Press; Tourism; Florianópolis.

[...] Pois as pessoas pagam e querem
Que algo lhes seja mostrado em troca do dinheiro
Mas quando alguém esconde sua nudez como um peixe podre
Não pode esperar nenhum aplauso [...].
Os sete pecados capitais dos pequeno-burgueses, Bertold Brecht

Preâmbulo

Encontrar e constituir séries a partir das fontes, localizando-as na história da imprensa, perceber suas características materiais, sua periodicidade, a presença ou não de publicidade, conhecer o conteúdo e as funções iconográficas dentro da publicação, caracterizar e

¹ Nota da editoria: In memoriam de Igor Henrique Lopes de Queiroz.



identificar grupos e colaboradores do periódico, a que público se destina, analisando todo o material a partir da problemática escolhida². A utilização de jornais como fonte para a escrita da História ocorre há algumas décadas e já há, inclusive, uma *História da Imprensa no Brasil*³. As referências acima citadas o comprovam, e as recomendações mencionadas ao utilizá-la como fonte também. A imprensa constitui memórias e visões distintas sobre um mesmo fato, que servem “como fundamentos para pensar e repensar a História, quando desponta como agente histórico que intervém nos processos e episódios, e não mais como um simples ingrediente do acontecimento”⁴. Assim, minha proposta é discorrer, utilizando algumas de tais recomendações, através de notícias do jornal *Diário Catarinense* (DC) sobre a transformação da cidade de Florianópolis, em princípio conservadora e avessa às homossexualidades, como se verá, em *Capital Gay do Brasil*, descrevendo os interesses e disputas que culminaram em tal transformação.

Parada, Verão, Preconceitos e Leis

Era fim de junho de 1999 quando foi realizada a *I Parada Gay de Florianópolis*. Em notícias publicadas sobre o evento, a ênfase foi dada à palavra “orgulho”, tanto em textos quanto em títulos. Uma das participantes afirmou que “não temos que dizer que somos orgulhosos por sermos gay. Nós temos orgulho de sermos seres humanos [...]”.

Uma foto datada de 1998 e publicada pelo jornal no mesmo período mostrava que a iniciativa de realização de uma parada fora anterior, mas com mínima adesão. Reunidas/os na escadaria do Rosário, Centro da Capital, a imagem apresentava seis pessoas, três de pé e três sentadas e, segundo o jornal, naquele dia de 1998 “rolou um pouco de tudo: performances, declamação de poesia e discursos rápidos”. Esperava-se um público maior para aquele ano de 1999, mas de acordo com o que foi divulgado era grande o medo de ser vista/o por “chefe, pelos pais, pelos colegas de trabalho” em uma parada de orgulho *gay*.

2 Cf. LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

3 MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.

4 NEVES, Lúcia M. B. P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia M. B. da C. (Orgs.). História e imprensa: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2006, p. 10.



O “medo” e a “vergonha” deram a esta primeira parada da Capital uma característica pouco usual para tais eventos, realizados anualmente em várias cidades do mundo. Era noite, e muitas das cerca de cem pessoas que acompanharam a parada, que saiu do Centro da cidade em direção à Avenida Beira-Mar Norte, preferiram seguir a manifestação dentro de seus carros. A “carreata” *gay*, no entanto, foi considerada um sucesso, pois segundo um dos idealizadores era improvável reunir tanta gente – cem pessoas - “numa cidade em que ainda é difícil assumir publicamente uma orientação sexual que não seja a hetero”⁵. Um dos entrevistados não identificado, por exemplo, teria dito que era tranquilo para ele se assumir “na noite”, provável referência ao fato de frequentar locais voltados para o público não heterossexual, mas que não fazia daquilo uma bandeira⁶.

O que foi veiculado leva a crer que, em 1999, buscava-se a possibilidade de visibilidade, por meio de acesso, permanência e manifestação em um espaço público hostil a desejos, práticas e afetividades homossexuais. Paradoxos vivenciados entre o medo de ser visto e o desejo de ser reconhecido: a reivindicação de visibilidade por meio da manifestação pública da existência coletiva de um grupo invisível⁷ atravessava as poucas falas divulgadas então. O delinear de zonas limítrofes entre o aceitável e a ameaçadora presença de seres e práticas relegados à impossibilidade, de corpos e sujeitas/os deslegitimadas/os, como a marcante frase “orgulho de sermos seres humanos” leva a crer. A expectativa de o evento entrar para o calendário oficial divulgada pelo DC, no entanto, não vingaria. A visibilidade do grupo, porém, aumentava.

Com o apoio da Prefeitura de Balneário Camburiú, o jornal divulgou o evento que escolheria a *Miss Brasil Gay 99 – etapa Santa Catarina*⁸, e em seguida lançou uma reportagem sobre a dupla jornada de Maurício - professor de História e Geografia de dia - Céia Pentelhuda, a artista, pela noite⁹. Capas da revista *G Magazine* passaram a ganhar espaço no jornal¹⁰ e as campanhas contra a Aids começaram a anunciar que “é um problema nosso”, trazendo imagens de executivos casados e com filhos, jovens casais heterossexuais, rapazes

5 Um desfile que é puro orgulho. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 28 jun. 1999, p. 21.

6 Para abalar Floripa. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 26 jun. 1999, Variedades, p. 01.

7 Para tal, ver: BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 143-149.

8 *Miss Brasil Gay* é hoje na New Heaven. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 17 jul. 1999, Variedades, p. 07.

9 Trabalhar é um prazer. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 18 jul. 1999, Revista DC, p. 02.

10 Revista com Róger chega às bancas. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 out. 1999, Esportes, p. 43.



musculosos, dourados de sol e sorte com namoradas¹¹. Percebia-se a lenta “desomossexualização” de portadoras/es do vírus, em pouco mais de uma década de estigmas e perseguições.

O preconceito, no entanto, continuava a ser denunciado por colunistas sociais como Cacau Menezes, que ao fim do ano daquela primeira parada, afirmava ser o Brasil ainda repleto de problemas. “Achamos que somos avançados [...] Mas, experimente, dois homens ou duas mulheres namorarem em algum lugar público e vejam o escândalo”¹².

Entre paredes, entretanto, novos espaços se abriam, como a *SoHo*, do estilista Rae¹³, e nas ruas, garotos entre 14 e 21 anos, da cidade ou vindos de várias regiões e Estados ganhavam dinheiro vendendo seus corpos a turistas e locais, em geral mais velhos e casados¹⁴. Durante o Carnaval de 2000, o famoso local de encontro homo-lesbo-bi-trans, o *Bar Roma*, com “pessoas de bom nível”, apresentou uma celebração “jamais vista”. “Florianópolis [...] já pode reivindicar para si o título de maior Carnaval gay do país. E não pensem que isso irá prejudicar a imagem da cidade. Dá é um tremendo ibope”, diria Cacau, que contabilizara entre 7,9 e 8 mil pessoas GLS (antiga sigla para gays, lésbicas e simpatizantes), em sua maioria casais de mulheres “abraçadas, apaixonadas, carinhosas” e alguns poucos casais de homens¹⁵. Nem tudo fora perfeito, no entanto:

Vergonha!

Essa foi de lascar. Ou melhor, envergonhar: gays de várias partes do país que vieram para o Carnaval de Florianópolis, numa das tardes, a caminho do Deca, no canto da praia Mole, foram recebidos com pontapés nas bundas, tapas nos rostos e ainda tiveram óculos, bonés e sandálias roubadas por uma gangue de idiotas [...] A polícia foi chamada e pra variar, como tem sido comum por aqui, nada fez. [...] Os trogloditas gritavam frases como “a praia é nossa”, “fora”, “veado não” e batiam nos turistas [...] Num dos bares onde esses civilizados defensores da falsa moralidade barbarizaram no Carnaval, um garçom negou-se a atender um cliente. Por ser gay[...]¹⁶.

11 Como exemplo, ver as campanhas *Sorria para a vida*, de novembro de 1999. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 12 nov. 1999, p. 36.

12 MENEZES, Cacau. Modernos e atrasados. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 23 dez. 1999, p. 63.

13 WOSGRAUS, Juliana. Ferveção. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 20 jan. 2000, Variedades, p. 03.

14 PEREIRA, Alessandra. Parte dos clientes é composta por homens casados. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 31 jan. 2000, Diário do Leitor, p. 18-19.

15 MENEZES, Cacau. Modernos e atrasados. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 mar. 2000, p. 43.

16 MENEZES, Cacau. Vergonha! *Diário Catarinense*, Florianópolis, 16 mar. 2000, p. 63.



Enquanto a coluna social de Cacau Menezes denunciava o preconceito de “gângues de idiotas” e reprovava a atitude do garçom, anunciava uma das edições do evento internacional Fazendo Gênero, discutia sobre homo, bi e heterossexualidade, divulgava projetos de criminalização da homo-lesbo-bi-transfobia, discorria sobre as campanhas de prevenção contra o HIV, em especial entre jovens, e anunciava novos espaços homo-lesbo-bi-trans na Ilha, como o *The Pub*, outro cronista do jornal, Sérgio da Costa Ramos, convocava leitoras/es de sua coluna para uma marcha, “uma *Passeata do Orgulho Heterossexual* em torno da Praça XV”, em “tímida reação às avassaladoras marchas do *Orgulho Gay* e seus *flamboyants* simpatizantes”¹⁷.

Não satisfeito, o mesmo cronista revoltou-se com a falta de “bom humor” GLS, que o “açoitou com chicotes, botinas e pétalas de rosas” por ter convocado os “verdadeiros machos” para uma parada “hetero-pura”:

Quer dizer: os “gays” já tem a imprensa, as ruas e as academias – as dos scholars e as de ginástica, sem falar nas saunas. O que querem mais? O problema dos *homos* é que eles, não satisfeitos com seu neo-reconhecimento, ainda querem “exportar a sua revolução”. Como Voltaire, defendo até a morte o direito ao homossexualismo, mas quero intocado o meu direito de permanecer hetero praticante e convicto¹⁸.

Dois dias depois, seria anunciada para agosto sua futura entrada para a *Academia Catarinense de Letras*, cadeira 19, de onde imortalizaria seu “humor”¹⁹. Eram comuns seus ataques não apenas a travestis ou aos movimentos sociais que cresciam e cujos números em paradas por outros Estados subiam, mas também a “lésbicas masculinizadas”, “feministas que queriam ser homens”. Em sua “hilária” visão, as mulheres deveriam “abjurar” o “feminismo feroz”²⁰.

17 RAMOS, Sérgio da Costa. Marcha. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 29 jun. 2000, Variedades, p. 04.

18 RAMOS, Sérgio da Costa. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 11 jul. 2000, Variedades, p. 04.

19 WOSGRAUS, Juliana. Agora imortal. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 13 jul. 2000, Variedades, p. 03.

20 RAMOS, Sérgio da Costa. Grandes mulheres. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 09 mar. 2001, Variedades, p. 02.



Em contrapartida, era da coluna social de Cacau Menezes que surgia, pela primeira vez, a referência a uma Florianópolis como “Capital gay”, ainda em 2001, utilizada como título de uma nota sobre um evento que poderia ocorrer na cidade:

Capital gay

Lideranças nacionais de movimentos homossexuais pediram informações sobre a infra-estrutura de Florianópolis que os possa orientá-los a definir de vez a capital catarinense como sede de um evento gay de âmbito internacional [...]²¹.

Se o evento ocorreu, nada foi noticiado a respeito. Florianópolis ainda era “provinciana” demais para aceitar a homossexualidade como algo corriqueiro, nas palavras do mesmo colunista. Ao divulgar que grande parte do público que foi ao show da cantora Ana Carolina, por exemplo, ao final de junho de 2001, o colunista afirmou ser grande o número de “L da famosa tribo”, o que causou reclamações e sua resposta intitulada *Vamos crescer!*²²

Capital provinciana ou não, a única notícia sobre mobilização em homenagem ao *Dia do Orgulho Gay* daquele ano proveio de Blumenau, uma das maiores cidades do interior de Santa Catarina, onde oito militantes entregavam panfletos nas escadarias da Catedral da cidade, local onde ofendidos por um motoqueiro que os mandou tomar “vergonha na cara”, escondido por um capacete. A vergonha e a rejeição ainda predominavam na cidade, como atestou Valmir, “obrigado a ter que descer do ônibus porque estava de mãos dadas com o namorado”²³. Já em Florianópolis, era anunciado uma “nova versão” do Mercado Mundo Mix (MMM), que segundo o jornal “deixou de ser um reduto *gay*, estigma que possuía até pouco tempo”²⁴.

Se o mundo comercial precisava recusar o rótulo *gay* para ampliar seu público, o universo político piorava a situação. Em artigo posto em um *box* intitulado como “Opinião” na seção de *Política* do jornal, em geral sem tal rótulo e muitos dos textos não assinados, a Subeditora da seção Adriana Baldissarelli denunciou o “Requerimento 402-01”, proposto pelo

21 MENEZES, Cacau. Capital gay. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 25 maio 2001, p. 39.

22 MENEZES, Cacau. Vamos crescer! *Diário Catarinense*, Florianópolis, 27 jun. 2001, p. 39.

23 ANTONELLO, Sérgio. Grupo marca a passagem do Dia do Orgulho Gay. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 29 jun. 2001, p. 24.

24 FEIJÓ, Márcia. Uma feira para os sem preconceito. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 jul. 2001, Variedades, p. 01.



pastor e deputado Adelor Vieira (PMDB) e aprovado pela Assembleia Legislativa, que pedia que deputados federais votassem contra o projeto de parceria civil de Marta Suplicy (PT-SP), pois estavam “convictos de que a única solução para o homossexualismo, o bissexualismo e o lesbianismo é o arrependimento e o abandono de tais práticas”. A subeditora ainda denunciou que, em 10 de abril de 2001, a mesma Assembleia “rejeitou a emenda constitucional proposta pela deputada Ideli Salvati (PT) que propunha a inclusão da livre orientação sexual entre os direitos individuais e fundamentais protegidos pelo artigo 4º da Constituição do Estado”. Como bem definiu Adriana, era a “fina flor do preconceito”²⁵. Em Chapecó, semelhante moção foi enviada por 3 vereadores, e a *Comunidade Gay de Chapecó* acionou um advogado para interpela-los judicialmente. Alsari Balbinot (PMDB), justificou sua iniciativa afirmando que “o Estado deve preservar valores que fortaleçam a família e a sociedade”²⁶.

Da Capital, início de outubro de 2001, anunciava-se a venda para uma rede de farmácias, após 24 anos de funcionamento, do famoso *Bar Roma*. Enquanto perdia-se um espaço considerado “palco cultural, político, artístico” e especialmente voltado ao público homo-lesbo-bi-trans, especialmente em períodos de Carnaval²⁷, a coluna de Cacau Menezes denunciava o aumento dos crimes contra homossexuais, “aqui em Santa Catarina inclusive”, e comentava sobre pesquisa realizada no Rio de Janeiro, apontando como advogados, promotores e juizes davam a impressão de que “as vítimas contribuíram para a sua morte. [...] o que haverá de tão ameaçador num homossexual, que motiva sua morte brutal?”²⁸, perguntava-se o colunista. Dias depois anunciaria que 8 homossexuais haviam sido assassinados só aquele ano em Florianópolis²⁹. Além dos crimes bárbaros, a visibilidade de prostitutas e travestis que trabalhavam nas ruas também era combatida de forma inovadora. Segundo a mesma coluna, em dezembro de 2001, um site fora colocado no ar para postar fotos das placas e marcas de carros que paravam na Avenida Central do Kobrasol, conhecido local de trabalho das garotas³⁰.

25 BALDISSARELLI, Adriana. A fina flor do preconceito. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 06 ago. 2001, Opinião – Política, p. 39.

26 DEBONA, Darci. Vereadores são acusados por discriminar gays. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 06 set. 2001, Política, p. 09.

27 BASTOS, Ana. Bar Roma fecha após 24 anos. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 01 out. 2001, p. 27.

28 MENEZES, Cacau. Homossexuais e a justiça. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 16 out. 2001, p. 39.

29 MENEZES, Cacau. Assustam. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 19 out. 2001, p. 39.

30 MENEZES, Cacau. Entregação. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 dez. 2001, p. 47.



Com a chegada do período de Verão, curiosamente os discursos mudavam de direção, e o *Diário de Verão*, um dos cadernos especiais impressos durante a estação pelo jornal, anunciava em sua capa, ilustrada por dois homens de mãos dadas, que os *Gays assumem espaços nas areias da Ilha sem barreiras*³¹. Entre o vergonhoso preconceito vivenciado na Praia Mole em 2000 e o ano de 2002, as areias se tornaram “democráticas”, segundo o suplemento do jornal. Seu texto sobre o *Bar do Deca*, no entanto, apontava que

Há uns quatro anos colocaram fogo aqui no bar, queimaram tudo. Pior, de vez em quando há casos de clientes agredidos na praia quando estão saindo, por trás das dunas. Também já picharam palavras ofensivas nas pedras do costão, o que não deixa de ser agressão. [...] as pessoas não gostam de ser identificadas como gays, têm vergonha ou medo que isso as comprometa profissionalmente³².

A reportagem continuava, afirmando ser Florianópolis o segundo destino preferido do público GLS, atrás apenas da cidade do Rio de Janeiro, e apontando, além do *Bar do Deca* e seu endereço na Praia Mole, famosa praia da Ilha de Santa Catarina, os espaços GLS em funcionamento então e suas localizações, como o *Mix Café*, a *Danceteria Concorde*, a *Chandon Danceteria Bar* e o *The Pub*, todos localizados no Centro da Capital, além de citar a escolha da *Rainha Gay*, posteriormente conhecido por *Pop Gay* como uma dos principais atrativos da cidade. E menos de um mês depois, Florianópolis teria um dos três maiores *sites* voltados para o renomeado público GLBTS (*gays*, lésbicas, bissexuais, transexuais e simpatizantes). Era lançado o portal *Fervo*, que disponibilizaria uma agenda atualizada com a “programação gay de Floripa, além de artigos, noticiário, dicas sobre sexo, militância e direitos [...] um site de informações, cultura e entretenimento”³³. O referido endereço eletrônico continua no ar, mas aparentemente parou de ser atualizado no início de 2013.

O combate ao preconceito sairia das colunas sociais em novembro de 2002. “É o silêncio que permite a sobrevivência do preconceito e da discriminação”. Repleta de depoimentos de psicólogos e relatos de jovens que se assumiram publicamente, ilustrada por

31 Gays assumem espaços nas areias da Ilha sem barreiras. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 11 fev. 2002, *Diário de Verão*, p. 01.

32 Mundo GLS – Tom da alegria. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 11 fev. 2002, *Diário de Verão*, p. 04-06.

33 MENEZES, Cacau. *Fervo*. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 27 mar. 2002, p. 39.



imagens de famosas/os homossexuais, o DC traria a discussão ao âmbito da família, e mães e pais eram instruídas/os a como lidar com a complexa fase da adolescência em que o medo, a insegurança e a ansiedade poderiam levar ao retraimento e à solidão de jovens homoafetivamente orientados. Marquinhos (provável nome fictício, como alertara a repórter), de 22 anos, assumiu-se aos 20 e diria que “Meu pai queria me levar num médico, para tratar o meu ‘problema’, que é como ele chamava minha orientação sexual. Até hoje ele acha que sou doente”. Começou a trabalhar e alugou um apartamento para morar sozinho. Estimulando o diálogo e a revelação, a reportagem apontava o despreparo das escolas em lidar com o assunto. “Nos colégios, esta questão não existe”, diria a repórter³⁴. A população também voltava a se mobilizar. Em celebração ao *Dia Mundial de Luta Contra a Aids*, centenas de pessoas, mesmo sob chuva, acompanharam as manifestações no Largo da Alfândega, Centro de Florianópolis, cujo tema escolhido foi *Preconceito e Discriminação*³⁵.

No Verão de 2003, os “sinais dos tempos” mostravam que até mesmo o mercado imobiliário voltado ao turismo teria de se adaptar. Ondina, 70 anos, recebera ligação de paulistas que queriam alugar sua casa na Lagoa da Conceição para 3 casais. Ao se deparar com 6 rapazes, a senhora demorou a se convencer de que aqueles eram os 3 casais³⁶. E, completando 10 anos de sucesso, a escolha das “misses Drag Queen e Beauty Queen” do já chamado “tradicional” *Pop Gay* reuniu aquele ano aproximadamente 10 mil pessoas³⁷.

Era 04 de abril de 2003 quando, por fim, transformava-se em Lei a proibição de discriminação por orientação sexual no Estado de Santa Catarina. Não apenas uma coibição, mas com punições previstas³⁸:

LEI Nº 12.574, de 04 de abril de 2003

Dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual e adota outras providências. [...]

34 BEVILACQUA, Viviane. O momento de contar aos pais. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 24 nov. 2002, p. 30-32.

35 RODRIGUES, Patrícia. Chuva não impede manifesto. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 nov. 2002, p. 18.

36 MENEZES, Cacau. Sinais dos tempos. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 11 fev. 2003, p. 39.

37 BARAUNA, Giancarlo. Milhares assistem aos transformistas. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 05 mar. 2003, p. 24.

38 SANTA CATARINA. Lei 12.574/03. Dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual e adota outras providências. *Diário Oficial do Estado de Santa Catarina*, Santa Catarina, 04 abr. 2003, Nº. 17.130, p. 02-03.



Art. 1º Serão punidos, nos termos desta Lei, toda e qualquer manifestação atentatória ou discriminatória praticada contra qualquer cidadão ou cidadã homossexual, bissexual ou transgênero.

Art. 2º Consideram-se atos atentatórios e discriminatórios aos direitos individuais e coletivos dos cidadãos e cidadãs homossexuais, bissexuais ou transgêneros, para os efeitos desta Lei:

I - submeter o cidadão ou cidadã homossexual, bissexual ou transgênero a qualquer tipo de ação violenta, constrangedora, intimidatória ou vexatória, de ordem moral, ética, filosófica ou psicológica;

II - proibir o ingresso ou permanência em qualquer ambiente ou estabelecimento público ou privado, aberto ao público;

III - praticar atendimento selecionado que não esteja devidamente determinado em lei;

IV - preterir, sobretaxar ou impedir a hospedagem em hotéis, motéis, pensões ou similares;

V - preterir, sobretaxar ou impedir a locação, compra, aquisição, arrendamento ou empréstimo de bens móveis ou imóveis de qualquer finalidade;

VI - praticar o empregador, ou seu preposto, atos de demissão direta ou indireta, em função da orientação sexual do empregado;

VII - inibir ou proibir a admissão ou o acesso profissional em qualquer estabelecimento público ou privado em função da orientação sexual do profissional; e

VIII - proibir a livre expressão e manifestação de afetividade do cidadão ou cidadã homossexual, bissexual ou transgênero, sendo estas expressões e manifestações permitidas aos demais cidadãos e cidadãs.

Art. 3º São passíveis de punição o cidadão ou cidadã, inclusive os detentores de função pública, civil ou militar, e toda e qualquer organização social ou empresa, com ou sem fins lucrativos, de caráter privado ou público, instaladas neste Estado, que intentarem contra o que dispõe esta Lei. [...]

Art. 6º As penalidades aplicáveis aos que praticarem atos de discriminação ou qualquer outro ato atentatório aos direitos e garantias fundamentais da pessoa humana serão as seguintes:

I - advertência;

II - multa de R\$1.000 (um mil reais);

III - multa de R\$ 3.000 (três mil reais);

IV - suspensão da licença estadual para funcionamento por trinta dias; e

V - cassação da licença estadual para funcionamento.

§ 1º As penas mencionadas nos incisos II a V deste artigo não se aplicam aos órgãos e empresas públicas, cujos responsáveis serão punidos na forma do Estatuto dos Funcionários Públicos.

§ 2º Os valores das multas serão corrigidos a partir da data da publicação desta Lei pela taxa de juros do Sistema Especial de Liquidação e de Custódia - SELIC -, podendo ser elevados em até dez vezes quando for verificado que, em razão do porte do estabelecimento, resultarão inócuas. [...]

PALÁCIO BARRIGA-VERDE, em Florianópolis, 04 de abril de 2003.

Florianópolis: o novo Paraíso Gay do Brasil



“Florianópolis é uma das capitais brasileiras com menos índice de preconceito em relação à comunidade gay [...]”, diria a transexual e ativista Katielly, que participara da *Parada Gay de São Paulo* de 2003, com quase 800 mil pessoas, e admirava-se de uma cidade eleger um deputado homossexual, Nilton Machado, conhecido por Duduco³⁹. A elogiada cidade tinha em sua Universidade Federal, entretanto, advogados que defendiam “a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar.” A UFSC fora então condenada a pagar pensão a E.M.F., homem que mantivera uma relação estável e monogâmica com o professor A.P.Z, mas a Universidade decidira recorrer da decisão⁴⁰. A relatora que analisou o recurso da Universidade, em 2006, “entendeu que o pagamento do benefício é um direito e que a Constituição consagra o princípio da igualdade em detrimento da ‘discriminação preconceituosa’”⁴¹. A sentença previa o pagamento retroativo e acrescido de juros e correção monetária.

Ainda em julho de 2003, enquanto pouco a pouco ganhava espaço na imprensa o discurso sobre um suposto “pouco preconceito” da capital e mesmo do Estado de SC, secretários de turismo de Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis uniram-se em uma série de reuniões para definir um projeto de “combate à sazonalidade”, visando lançar campanhas publicitárias e promover roteiros turísticos: “Campanha atingirá casais em lua-de-mel, jovens, aposentados, gays, lésbicas e bissexuais”, diria a chamada. “Queremos atrair o turista de qualidade, aquele que vem de avião, e vai conhecer a cidade, vai a restaurantes, enfim, vai gastar dinheiro” diria o Secretário de Turismo de Florianópolis⁴².

Em nota comemorativa, Cacau Menezes afirmava que um especialista italiano em marketing viria à Florianópolis para dar dicas de como abrir o mercado, pois “Santa Catarina se prepara para explorar um filão de negócio dos mais rentáveis no setor de turismo. É o turismo GLS”⁴³, e dias depois era anunciada a palestra sobre *Turismo GLS*, patrocinada pela

39 MENEZES, Cacau. Floripagay. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 25 jun. 2003, p. 39.

40 UFSC condenada a pagar pensão a homossexual. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 13 jul. 2003, p. 27.

41 Homossexual terá direito à pensão. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 25 abr. 2006, p. 34.

42 SANTOS, Karla. Sul unido no combate à sazonalidade. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 19 jul. 2003, p. 19.

43 MENEZES, Cacau. GLS. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 09 ago. 2003, p. 39.



prefeitura de Florianópolis no *CentroSul*, “uma oportunidade de novos negócios”, sob o título *Santa Catarina quer conquistar os GLS*⁴⁴.

Como uma das estratégias do DC para conquistar tal público, era lançada em sua revista dominical, *Donna DC*, a comovente matéria sobre *O amor que ousa dizer o nome*. Ao texto “Depois de anos de batalha por respeito e direitos, casais de gays e lésbicas deixam os guetos e vão em busca de reconhecimento legal para as uniões homossexuais”, seguiam-se depoimentos de casais de *gays* e lésbicas em uniões estáveis, que buscavam mais direitos, sentirem-se cidadãos e cidadãs plenos⁴⁵. Poucas foram as cartas divulgadas então pelo jornal contra a reportagem, e logo em seguida um evento divulgado pela mesma reportagem iria para a coluna de Cacau Menezes, o *Sappho em cena*, mostra de filmes de homossexualidade feminina realizado no Centro Integrado de Cultura (CIC), na Capital⁴⁶.

O mesmo colunista diria que amigos que se consideravam “traídos, injustiçados, ofendidos, humilhados e até culpados”, pois descobriram que seus filhos eram *gays*, e afirmava que o “mundo mudou. Ser gay, hoje, não pega pra mais ninguém. Nem pra que é e muito menos para os pais. O importante é ser feliz”⁴⁷, e confirmava que o maior *site* voltado ao público GLS então, o *Mix Brasil*, colocava Florianópolis como segundo destino preferido por homossexuais para passar o Carnaval. “Deixa vir. Gente alegre não faz mal a nada”⁴⁸. Lentamente, imprensa e membros de órgãos públicos “descobriam” o novo filão turístico e as possibilidades econômicas decorrentes.

Enquanto isso, em Blumenau comemoravam-se os 6 meses de casamento simbólico entre Adilson e Leomar, que afirmavam ser as manifestações de solidariedade maiores que as de hostilidade⁴⁹. Ao lado da comemoração dos rapazes, a notícia sobre o preocupante preconceito entre adolescentes. “Um em cada quatro jovens brasileiros não gostaria de ter um

44 MONTEIRO, Gisele kakuta. Santa Catarina quer conquistar os GLS. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 13 ago. 2003, p. 22.

45 O amor entre iguais. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 07 set. 2003, *Donna DC*, p. 01/10-13.

46 MENEZES, Cacau. Lésbicas. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 02 out. 2003, p. 47.

47 MENEZES, Cacau. Impacto. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 09 jan. 2004, p. 39.

48 MENEZES, Cacau. Meca. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 10 fev. 2004, p. 39.

49 LIESENBERG, Susan. A felicidade livre de preconceitos. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 14 mar. 2004, p. 30.



colega homossexual”, principalmente rapazes, para quem seria como se “sua virilidade e masculinidade estivessem em risco e sendo desafiadas”⁵⁰.

O preconceito, no entanto, perdia espaço e o próprio jornal passava a “policar”, a normatizar seus cronistas aos novos interesses. A coluna de Sérgio da Costa Ramos, em março de 2004, foi a primeira delas. Intitulada *Comunhão de cuecas* e publicada no *Donna DC* de 14 de março de 2004, o texto do cronista falava sobre o “fim dos tempos”, ironizava a “comunhão de cuecas” ou as “mulheres unidas pelas botinas” afirmava que as pessoas traziam “suas intimidades para a rua, no irresistível desejo de chocar, transgredir as leis da natureza” reclamava sobre beijos que as mulheres ousavam dar e dizia que só “falta agora os bigodões aderirem ao indecoroso ósculo” e ainda se perguntava “Onde já se viu convite de casamento ter que esclarecer se a benção será ministrada a Noivos Machões ou Mulherões?”⁵¹ Em cartas, não apenas leitoras/es afirmaram-se surpresas/os de receberem em casa “tamanho ultraje”, um “preconceito exacerbado e ridículo”, a admiração pelo jornal deixar publicar “tamanho barbárie” e o pedido para que entidades tomassem as devidas providências⁵², mas o próprio colunista foi obrigado a retratar-se:

O mundo foi ficando assim: irrespirável. As pessoas foram perdendo o que se chamava outrora de bom humor, a própria linguagem [...] intolerância, o livre pensar e a livre opinião assumidas como “ofensa”. O diálogo ficou difícil [...] – Está rindo de que? – interpelavam os guardas da Polícia do Pensamento. [...] Uma das maiores virtudes do povo brasileiro, a circunstância de não levar-se tão “a sério”, conjugando a vida com a generosa capacidade de rir de si mesmo, foi desaparecendo [...] Os graus de intolerância chegaram ao zênite da rabugice [...] Alguns leitores me atribuem o mau gosto de uma crônica “homófoba”, contra homossexuais. Recebo a crítica da mesma forma que acolho o elogio: com respeito e humildade. Percebo, porém, com tristeza, que o mundo de hoje não está mesmo para brincadeira⁵³.

O imortalizado Sérgio recusava a ver-se como preconceituoso, cujos textos difundiam homo-lesbo-bi-transfobia, e tentou se retratar culpando uma suposta falta de humor causada

50 Jovem brasileiro é preconceituoso. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 14 mar. 2004, p. 30.

51 RAMOS, Sérgio da Costa. *Comunhão de cuecas*. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 14 mar. 2004, *Donna DC*, p. 06.

52 Como exemplo, ver: Crônica (I e II). *Diário Catarinense*, Florianópolis, 17 mar. 2004, *Diário do Leitor*, p. 38.

53 RAMOS, Sérgio da Costa. Bom dia. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 18 mar. 2004, *Variedades*, p. 04.



por uma repressiva “Polícia do Pensamento”. Como se vê, os próprios cronistas do jornal, em princípios de 2004, agora passavam pelo crivo do “politicamente correto”, percebendo-se que o movimento de controle discursivo caminhava em paralelo a novas oportunidades geradas pela tentativa de conquista de um público e suas/seus simpatizantes, que aumentavam, se não em tamanho, impossível de contabilizar, principalmente em visibilidade, potencialmente ampliadas pelas possibilidades de ganhos comerciais e financeiros. Cacau Menezes citaria, por exemplo, uma reportagem da revista *Época* sobre o turismo GLS em cidades como Florianópolis, setor que já chagava a movimentar bilhões de dólares anualmente⁵⁴.

Aquele ano de 2004 seria também o de lançamento do programa *Brasil sem Homofobia*, um dos marcos simbólicos para a luta por direitos, cidadania e contra as violências e crimes praticados contra homo-lesbo-bi-transsexuais no país⁵⁵. A data, 25 de maio, também traria a divulgação de pesquisas do Ministério da Educação revelando que, entre professores brasileiros, “59,7% [...] declararam ser inadmissível que uma pessoa possa ter experiências homossexuais, e 21% disseram não desejar ter como vizinhos homossexuais”⁵⁶. Da infância à vida adulta, predominava a aprendizagem, o ensino, a repetição de normas de gênero fóbicas, heterossexualmente direcionadas, como leva a crer a declaração de Jussi, 72 anos, que afirmara que seu filho não conseguira se formar em Medicina na UFSC por ser homossexual⁵⁷.

As medidas em busca de mudanças, no entanto, transformavam também as escolhas do periódico para anunciar suas notícias sobre a temática. Sob a chamada *Comportamento*, era então anunciado que a *Parada do Orgulho Gay de São Paulo*, que se tornara a maior de toda a América Latina e se transformara em uma miríade de eventos durante uma semana, seria então patrocinada pelo Ministério da Cultura: “Não repassamos recursos para um movimento social, mas para um movimento cultural”⁵⁸.

As práticas e sexualidades, portanto, tornaram-se algo cultural, em palavras literais, e o jornal as traria como sinônimos de “alegria” e “liberdade”, como diria a notícia sobre a

54 MENEZES, Cacau. Arco-íris. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 maio 2004, p. 55.

55 MENEZES, Cacau. Arco-íris. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 24 maio 2004, p. 27.

56 Professor discrimina homossexual. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 25 maio 2004, p. 21.

57 A década em que seu filho estudou na instituição, no entanto, não fazia parte da nota publicada. MENEZES, Cacau. Sem Censura. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 12 jun. 2004, p. 31.

58 Comportamento – Ministério da Cultura dá verba para Parada Gay. MENEZES, Cacau. Arco-íris. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 13 jun. 2004, p. 33.



Parada realizada em Blumenau em 21 de junho de 2004, amadrinhada pela “extravagância” de Elke Maravilha e que reunira mais de mil pessoas, entre “homens e mulheres homossexuais, centenas de curiosos e simpatizantes [...] jovens, idosos e crianças”⁵⁹. Já em Curitiba, a movimentação ganhara o nome de *Parada da Diversidade*, para “não chocar os conservadores” e Cacau Menezes reclamava:

As entidades do mundo GLS de Florianópolis não criaram coragem para promover sua parada na Capital catarinense. Dizem que a patrulha e a discriminação ainda são intoleráveis. Pode ser. Mas é preciso quebrar tabus. E deve começar por quem os enfrenta⁶⁰.

A reclamação do colunista renderia uma pequena nota afirmando que “custou, mas saiu”, e uma outra de data posterior informava que Florianópolis realizaria em 29 de agosto de 2004 sua “primeira Parada Gay”. O evento, porém, além de não ser o primeiro, não chegou a ser realizado aquele ano⁶¹.

A discriminação, apesar das mudanças que as alianças e estratégias políticas, econômicas, comerciais, turísticas e da imprensa tentavam implementar, era de fato grande. Um professor universitário, por exemplo, teve seu carro “riscado e com palavras ofensivas” no estacionamento da Universidade onde lecionava, referindo-se ao fato de ser homossexual⁶². Porém, era também combatida. A brasileira Marta e a inglesa Lesley, casal há 12 anos, resolveram mudar-se da Inglaterra para Florianópolis. Como o visto da inglesa estava vencido e ela resolvera voltar à Inglaterra de férias, temia não poder voltar ao Brasil. O judiciário catarinense, no entanto, entendeu a união estável das duas e citou uma resolução do Conselho Nacional de Imigração, “que prevê a concessão de visto para cônjuge de cidadão brasileiro. O objetivo da regra é proteger a unidade familiar.” Decisão louvável, mas, coincidentemente ou não, a repórter terminava seu texto informando que o objetivo do casal era abrir uma “empresa de turismo receptivo”, para divulgar o Sul do Brasil e atrair ingleses ao país⁶³.

59 Arco-íris espanta o preconceito em Blumenau. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 jun. 2004, p. 21.

60 MENEZES, Cacau. Arco-íris. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 01 jul. 2004, p. 47.

61 Gay. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 jul. 2004, p. 03.

62 MENEZES, Cacau. Vergonha. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 jul. 2004, p. 39.

63 BEVILACQUA, Viviane. União familiar vence burocracia. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 19 set. 2004, p. 21.



Florianópolis não é apenas praia. O título da entrevista, publicada em janeiro de 2005, anunciava novamente propostas para outros públicos além dos veranistas, visando a “ampliar o volume de visitantes em Florianópolis durante todo o ano”. A entrevista com o então Secretário de Municipal de Turismo, Luiz José Ferreira, e com o secretário-adjunto, Luciano Schoeder, apontava a preocupação com “o turismo especializado”, não o “massificado. O turismo voltado para o público da terceira idade, o GLS, que é muito importante”. Tão importante, que linhas depois seria repetido: “Vamos procurar eventos nesta área, turismo de negócios, eventos, de terceira idade, internacional, GLS [...] Haverá surpresas nos bailes gays, aos quais daremos ênfase neste ano”⁶⁴. Dez dias depois, era anunciada a eufórica acolhida pela nomeação de Thiago Silva para a Assessoria de Marketing e Eventos da Setur (Secretaria Municipal de Turismo), indicado pelo deputado Duduco. Em poucos dias no cargo, constava da nota de Cacau Menezes que o rapaz “conseguiu costurar uma parceria com casas noturnas e saunas do segmento para incrementar o próximo Pop Gay”⁶⁵. Emergiu, então, o discurso sobre Florianópolis ser, entre as capitais brasileiras prediletas do público GLS, “a única capital do país a dispor de evento específico para este grupo promovido por prefeitura, o *Pop Gay*”⁶⁶. E, da coluna de Cacau Menezes, afirmava-se finalmente: “Floripa é o novo paraíso gay do Brasil”⁶⁷.

E o novo paraíso *gay* se mobilizava cada vez mais: em abril de 2005, o grupo *New Floripa de Adolescentes e Jovens Gays*, com 70 inscritos entre 14 e 30 anos, em repúdio à expulsão de um casal de rapazes de se beijavam na lanchonete *Bob's*, localizada no Centro da capital, e ao pedido de um dos funcionários para que outro casal não desse as mãos dentro do estabelecimento, organizaram um “beijaço”, carregando bandeiras do arco-íris em frente à loja. Segundo o responsável pelo estabelecimento, “não houve discriminação” e que “exageros são coibidos não importando a orientação sexual do casal. Os namoros só são interrompidos quando um cliente da lanchonete reclama”⁶⁸. E no mesmo mês era anunciado

64 MARCELO, Claudia. ‘Florianópolis não é apenas praia’. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 16 jan. 2005, p. 24.

65 MENEZES, Cacau. Diversidade. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 26 jan. 2005, p. 39.

66 Turismo gay. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 07 fev. 2005, p. 03.

67 MENEZES, Cacau. Arco-íris. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 fev. 2005, p. 31.

68 Comportamento – Homossexuais protestam em beijaço. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 09 abr. 2005, p. 21.



que, com o patrocínio de bares e boates GLS, Thiago Silva seria um dos organizadores de um seminário objetivando “preparar a primeira grande parada gay da Ilha”, em 2006⁶⁹.

A I Parada da Diversidade – Orgulho GLBTS: Florianópolis, a Capital Gay do Brasil

O jornal *Diário Catarinense*, que por anos discriminara abertamente a comunidade hoje conhecida por LGBTTTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e simpatizantes), buscou tornar-se homo-lesbo-T’s-ófilo. Libertou partes da comunidade das áreas privativas de regulamento próprio, “onde se misturam em intimidade [...] assuntos gerais ou temas específicos, notícia e comentário, entrevista e interpretação, humorismo e gravidade”⁷⁰ ou, para outros, páginas de “boateiros” de “jornais mais sensacionalistas”⁷¹, representadas pelas *Colunas Sociais*; tentou minimizar a referência às práticas sexuais, pelo menos de gays e lésbicas, das páginas “consumidas com avidez”, onde abundam o “aproveitamento exagerado da notícia”, o jargão, os vícios de linguagem, a repetição de termos⁷², o sensacionalismo, seção repleta de recomendações a profissionais da área, como não aceitar e publicar opiniões policiais como “expressão da verdade”, “evitar especulações”, pois “a notícia criminal quase sempre atrai grande atenção” e é um serviço público de suma importância⁷³, representadas pela *Editoria de Polícia*. Em tese. Na prática, a comunidade continuou a aparecer nesses locais ou seções do jornal, mas outros qualificativos passaram a ser empregados, termos politizaram-se, sujeitas e sujeitos ganharam, sim, um pouco mais de apreço, de respeito nas páginas do jornal aqui escolhido como fonte e, principalmente, sua visibilidade foi explorada em outras notícias e seções, em temporalidades que não os verões e seus belos carnavais, quando turistas e locais, poderes políticos e jornal aproveitavam-se, cada um a seu modo, do sensual desbunde carnavalesco e caloroso, paralisador das normas e convenções.

69 MENEZES, Cacau. Foco. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 13 abr. 2005, p. 47.

70 AMARAL, Luiz. *Jornalismo*: matéria de primeira página. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982. p. 95.

71 HOHENBERG, John. *O jornalista profissional*: guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1981. p. 400.

72 Idem, p. 85-88.

73 Idem, p. 296-314.



Nenhum movimento, estratégia ou mudança, no entanto, está desligada de embates, contradições, e especialmente interesses – a retratação de Sérgio da Costa Ramos, por exemplo, especialista em textos extremamente homo-lesbo-bi-transfóbicos, apareceu pela primeira vez após sanções penais serem delimitadas pela Lei do Estado de SC. Teria esta Lei se tornado crível, ganhado a força de autoridade?⁷⁴ Para algumas/alguns, possivelmente. A chamada “vocação turística” de Florianópolis, que em poucos anos descobrira o segmento LGBTTTs como muito rentável, e transformara-se em novo polo de turismo *gay* seria outro exemplo.

Incremento de 35% do público, passagem de transatlânticos pelo Estado, articula o de uma programa o para o ano inteiro de atra oes, casas noturnas com público garantido, hóspedes educados e boas gorjetas, procura de pacotes turísticos que superavam expectativas – Florianópolis tornara-se, de fato, um novo polo, mas trago o significado ambivalente do termo   discussão: de um lado, a comemora o da AEGLBTS/SC (Associa o dos Empreendedores Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transg neros e Simpatizantes de Santa Catarina), criada em fins de 2005, e o sucesso comercial e econ mico que se tornaram as propagandas sobre a cidade e os serviços oferecidos. Do outro lado do polo, uma militância quase silenciada, com direito a parcas linhas de canto, afirmando que o preconceito em SC ainda era muito forte, as demonstra oes de afetividade restringidas a determinados espaços e mais, que a Parada que estava sendo organizada era “artificial”, não passava de interesse econ mico, completamente desligada do movimento social⁷⁵.

Em fins de junho de 2006, anunciava-se para o dia 09 a realiza o da 2^a Parada de Florianópolis, ou *I Parada da Diversidade*. Tiago Silva, em breve entrevista ao jornal, afirmara que não se tratava “de um Carnaval fora de época”, não “queremos que as pessoas confundam um movimento social de luta com uma festa”. O tema escolhido para o evento daquele ano foi “Nem mais, nem menos, apenas iguais”, e sua realiza o pretendia promover discuss oes acerca da legaliza o da união civil por homossexuais, ado o de crianças e

74 Segundo Derrida, em uma releitura de Pascal e Montaigne, leis não são justas como leis. Não as obedecemos por serem justas, mas porque têm autoridade, e esta autoridade repousaria apenas no crédito que a concedemos, um ato de f  que justificaria a alusão ao caráter místico de sua autoridade. Para tal, ver: DERRIDA, Jacques. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 21.

75 KAFRUNI, Simone. Turismo gay se consolida na Capital. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 26 fev. 2006, p. 14-15.



inclusão de parceiros em planos de saúde. Seria uma “manifestação para reivindicar direitos” e para “esclarecer que homofobia é crime”⁷⁶.

Discussões que, apesar da ênfase de Tiago, seriam pouco consideradas em prol da importância do evento enquanto festa e lucratividade. Shows de bandas contratadas, bateria de escola de samba para iniciar a festa, hotéis, bares e restaurantes lotados, 10 ou 15 mil participantes previstos pelo então presidente da “Associação dos Empreendedores GLBTS/SC”, Audenir de Carvalho, decoração de trios elétricos com balões em forma de arco-íris e o laço que simboliza a prevenção à AIDS, um carro para arrecadação de agasalhos e alimentos para doação, excursões vindas de Curitiba, São Paulo, Porto Alegre e Balneário Camboriú, participantes de todo o Estado e até da Bahia, além da lembrança de que Santa Catarina era um dos destinos prediletos do turismo *gay* no Brasil:

É um dinheiro limpo, que movimenta a economia e gera empregos, por isso não deveria existir só no Verão, precisa ser mais incentivado. Vários hotéis, que nesta época do ano costumam oferecer hospedagem quase de graça, estão lotados por causa da parada⁷⁷.

E na segunda-feira, 10 de julho de 2006, era anunciado nas páginas iniciais do jornal, dedicadas a reportagens especiais: *Parada da Diversidade – Florianópolis, a capital gay do Brasil*. Reunindo cerca de 30 mil pessoas, a descrição do evento que se passara na Avenida Beira-Mar Norte durante a tarde anterior trazia detalhes sobre o clima festivo proporcionado pelos trios elétricos, enfatizava que fora uma realização de iniciativa da *Associação de Empreendedores GLBTS de Florianópolis*, fundada no ano de 2005 por donas/os de bares e casas noturnas da cidade, estimuladas/os pela iniciativa de Tiago Silva, custeada sem qualquer contribuição pública, apenas com recursos de tais empreendedoras/es da cidade e “militantes do movimento GLBTS de Florianópolis”, não citadas/os que movimentos ou militantes, no entanto.

Discreto e quase imperceptível paradoxo inserido na notícia sobre tal evento, ou quem sabe uma redundância: se em uma página era afirmado que a principal frase utilizada por

76 Direitos – Florianópolis fará parada gay dia 09. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 20 jun. 2006, p. 27.

77 Capital prepara a primeira parada gay. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 jul. 2006, p. 23.



participantes aquela tarde teria sido “homofobia é crime”, conforme era previsto desde 2003 pela Lei do Estado, na seguinte um dos entrevistados explicaria o fato de Florianópolis não realizar anualmente uma parada da seguinte forma: “Não precisava ter parada aqui porque tem muitos jovens e homossexuais na cidade. Florianópolis é uma cidade liberada [...]”⁷⁸. Em clima de festa, Carnaval e folia, entrava para o calendário oficial de Florianópolis a 2ª Parada realizada na cidade ou, como ficou conhecida, a I Parada da Diversidade – Orgulho GLBTS. Discursivamente, Florianópolis transformou-se, sim, na *Capital Gay do Brasil*.

Fontes

DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, *Diário Catarinense* [1999 – 2006].

SANTA CATARINA. Lei 12.574/03. Dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual e adota outras providências. *Diário Oficial do Estado de Santa Catarina*, Santa Catarina, 04 abr. 2003, Nº. 17.130, p. 02-03.

Referências

AMARAL, Luiz. *Jornalismo*: matéria de primeira página. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

DERRIDA, Jacques. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

HOHENBERG, John. *O jornalista profissional: guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1981.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

⁷⁸ GRUBA, Alex; ZILLOTTO, Carolina. Parada da Diversidade – Florianópolis, a capital gay do Brasil. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 10 jul. 2006, p. 04-05.



A Capital Gay do Brasil: política, turismo, economia e a construção de imagens acerca de Florianópolis – SC através das páginas jornalísticas (1999 – 2006) - Igor Henrique Lopes de Queiroz

NEVES, Lúcia M. B. P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia M. B. da C. (Orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2006, p. 09-15.

Recebido em 26 de setembro de 2014

Aceito para publicação em 31 de março de 2015

